

MAT

nº1

OSIN


HOOS



Identidade,  
Cultura  
e Criatividade

em Rede

# O que esta cidade cria

A person in a black wetsuit is walking barefoot on a wooden boardwalk, carrying a white surfboard under their arm. The boardwalk is bordered by a railing of wooden posts and green ropes. In the background, the ocean is visible with waves breaking on a sandy beach. The sky is clear and blue.

Na primavera de 2020, os restaurantes de Matosinhos fecharam. A pandemia deixou as ruas vazias. A loja continuou a funcionar — o peixe não espera —, mas a cadeia que leva o produto do mar à mesa parou a meio. Foi nesse momento que a câmara municipal começou a pensar numa candidatura à Rede de Cidades Criativas da UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

A gastronomia de Matosinhos é o modo como o concelho se relaciona com o mar e com a terra, com o trabalho, com os outros. Quando os restaurantes fecharam, isso ficou claro. Quando abriram de novo, havia razões mais fortes para o afirmar.

Este primeiro número da série Matosinhos em Rede percorre a identidade criativa da cidade através de três redes — a UNESCO, o Eixo Atlântico, a Frente Atlântica — e de quatro camadas: gastronomia, arquitetura, música, dança. A questão que atravessa o número é simples: como é que uma cidade de 175 000 pessoas produz, com consistência, coisas que chegam ao mundo?

# 4 linguagens

Gastronomia

Arquitetura

Música

Dança

Há quatro linguagens em que Matosinhos se exprime com mais clareza. Cruzam-se por todas as freguesias, por todas as gerações.

A primeira linguagem é a mais antiga. Em Angeiras, no extremo norte do concelho, encontram-se trinta e dois tanques de pedra granítica que os romanos usaram para fermentar peixe entre os séculos III e IV. O garum — o molho que atravessava todo o Mediterrâneo — era produzido aqui e exportado para o império romano. Os tanques são monumento nacional desde 1970. Em 1884, a construção do porto de Leixões transformou a economia e a demografia do território: vieram trabalhadores de todo o país, pescadores do Norte, construtores, comerciantes. As fábricas de conservas expandiram-se durante a I Guerra Mundial. Chegaram a existir cinquenta e nove empresas. Marcas como a Ramirez e a Pinhais & Cia nasceram aqui e continuam ativas.

A cadeia continua. A indústria conserveira emprega hoje cerca de 600 pessoas em onze empresas — dois terços mulheres. A lota tem doze empresas e cento e dois trabalhadores permanentes. Há mais de quinhentos restaurantes no concelho, com mais de cinco mil e duzentos postos de trabalho diretos.

A segunda linguagem é a arquitetura. Álvaro Siza Vieira nasceu em Matosinhos em 1933. A Casa de Chá da Boa Nova (1958–1965) e a Piscina das Marés (1961–1966) respondem às rochas, à luz e ao vento desta costa específica. São estudadas em todo o mundo — e são visitadas: em 2024, a Casa da Arquitetura organizou visitas a estas obras para mais de quarenta e um mil pessoas. Sessenta anos depois de construídas, continuam a atrair quem as quer ver pela primeira vez e quem volta para as ver de novo.

A terceira linguagem é a música. Em 1999, a Orquestra Jazz de Matosinhos (OJM) foi fundada com apoio municipal. Em 2007, tocou no JVC Jazz Festival no Carnegie Hall, em Nova Iorque — a primeira formação portuguesa de jazz a participar num festival norte-americano. O Centro de Alto Rendimento Artístico (CARA), instalado na Real Vinícola, é o seu espaço de ensaio, gravação e investigação artística. Todos os anos, músicos da OJM vão às escolas do concelho trabalhar com crianças e jovens durante meses, no programa “Grande Pesca Sonora”. O concerto final é com a big band. O Quarteto de Cordas de Matosinhos partilha o mesmo território e o mesmo palco.

A quarta linguagem é a mais recente. Desde 2016, Porto, Matosinhos e Vila Nova de Gaia coorganizam o Festival DDD — Dias da Dança: cinquenta apresentações por edição, estreias absolutas, companhias de quatro continentes, e espetáculos de acesso livre na Praça Guilherme Pinto e na frente de mar. A Porto Design Biennale, organizada pela Escola Superior de Artes e Design (ESAD) com sede em Matosinhos, recebeu mais de cinquenta mil visitantes nas suas primeiras três edições.

 matosinhos

# UNESCO

## Rede de cidades criativas da gastronomia

### O que o reconhecimento exige

A candidatura à UNESCO teve origem em 2020, quando a pandemia esvaziou as ruas e tornou visível o que a gastronomia de Matosinhos realmente é.

### A candidatura

Em 2020, a câmara decidiu iniciar o processo de candidatura à Rede de Cidades Criativas da UNESCO pelo domínio da gastronomia, onde a identidade do território é mais antiga e mais demonstrável.

A candidatura aprovada em outubro de 2025 envolveu mais de quatrocentos restaurantes, entidades do sector, investigadores e parceiros internacionais. O Plano de Ação que a acompanhou define prioridades verificáveis: sustentabilidade da cadeia alimentar, literacia alimentar e oceânica, integração da gastronomia no sistema educativo, cooperação com outras cidades da rede.

### A rede

A Rede de Cidades Criativas da UNESCO foi criada em 2004. Reúne hoje quatrocentas e oito cidades em mais de cem países, organizadas por domínio: gastronomia, música, cinema, design, literatura, artesanato, artes digitais, arquitetura. O critério de admissão é a demonstração de um ecossistema criativo ativo e de um compromisso com o desenvolvimento sustentável através da criatividade. Quem entra assume obrigações concretas: um Plano de Ação verificável, participação nos grupos de trabalho da rede, relatório anual de progresso, presença na conferência anual — que em 2026 será em Essaouira, Marrocos. A distinção abre um trabalho.

### A cadeia criativa que a rede reconheceu

O que a UNESCO identificou em Matosinhos é uma cadeia criativa que une pessoas, empresas e instituições: os pescadores que saem de madrugada para o mar, a lota onde o peixe é leiloado ao amanhecer, as vendedeiras dos mercados, as conserveiras com décadas de história, os chefs e os assadores que trabalham com os produtos frescos, os investigadores do Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental (CIIMAR) — mais de trezentos membros — que estudam a qualidade da água e os recursos marinhos.

O sector agrícola — trinta empresas a fornecer produtos frescos — completa o que o mar por si só não dá. Os dois mercados municipais, de Matosinhos e de Angeiras, têm mais de oitenta vendedores e treze restaurantes: é onde a cadeia criativa chega à mesa. Esta cadeia existe antes de qualquer candidatura institucional. A candidatura tornou-a legível para uma rede de quatrocentas e oito cidades e para o resto do mundo.



## As cidades parceiras

Bergen, na Noruega, é a segunda maior cidade do país e tem uma das mais longas tradições europeias no comércio de produtos do mar: foi através de Bergen que a Liga Hanseática controlou, durante séculos, o comércio de bacalhau seco do Norte da Noruega para o resto da Europa. É hoje sede do North Atlantic Seafood Forum, a maior conferência mundial de indústria do mar, com participantes de mais de quarenta países. O valor que traz à rede é a gestão sustentável dos recursos pesqueiros — que espécies, que modelos, que relação entre pescadores, investigadores e mercado. São perguntas que Matosinhos também tem pela frente, e que a cooperação bilateral dentro da rede pode ajudar a trabalhar com dados reais.

Östersund, na Suécia, foi admitida na rede em 2010 com base num ecossistema de produção artesanal de alimentos em pequena escala — uma gastronomia enraizada na natureza da região e na ligação direta entre produtores rurais e consumidores urbanos. A âncora institucional deste modelo é o Eldrimner, centro nacional sueco de produção artesanal de alimentos, que apoia produtores, chefs e pequenas empresas na valorização dos recursos locais. É este modelo de cadeia curta e qualidade artesanal que o Plano de Ação de Matosinhos procura aprender e adaptar ao contexto atlântico.

San Sebastián entrou na rede em 2015. O ecossistema gastronómico basco existe há muito mais tempo: os txokos — sociedades gastronómicas privadas — remontam ao século XIX. A UNESCO reconheceu o que já existia. O que San Sebastián fez com o reconhecimento foi sistemático: integrou a gastronomia no plano de desenvolvimento económico, articulou restaurantes com investigação universitária e criou o Basque Culinary World Forum. É deste centro que sairá a parceria de formação avançada com Matosinhos — programas de mestrado e formação executiva em gastronomia que deverão arrancar nos próximos anos.

# A dieta atlântica e a marca World's Best Fish

## O Atlântico como argumento

A Dieta Atlântica é o nome dado a um padrão alimentar que atravessa o Noroeste ibérico e as costas do Atlântico Norte europeu — e que o Plano de Ação de Matosinhos se propõe promover em cooperação com as cidades parceiras da rede UNESCO.

## A Dieta Atlântica

A Dieta Atlântica assenta no peixe fresco, no marisco, nos legumes, nos cereais integrais e nos produtos lácteos. Estudos do CIIMAR e de universidades parceiras associam-na a indicadores positivos de saúde cardiovascular e longevidade nas populações que a praticam. A relevância desta dieta vai além da nutrição: existe porque existe uma costa atlântica produtiva, porque existem pescadores, porque existem mercados onde o peixe chega fresco de manhã.

O Plano de Ação de Matosinhos como Cidade Criativa da Gastronomia inclui explicitamente a promoção da Dieta Atlântica em cooperação com outras cidades da rede UNESCO e com cidades atlânticas de língua portuguesa em África e na América do Sul. A dimensão lusófona — a ligação a São Tomé e Príncipe, ao Brasil, a Cabo Verde — é parte desta agenda.

A sardinha e a cavala grelhadas, o arroz de tamboril, a caldeirada, o percebe, o lavagante — e as variedades de peixe que os pescadores comem porque o mais nobre era para vender tornaram-se o argumento gastronómico central de Matosinhos.

## O World's Best Fish

Em 2015, o município criou a marca World's Best Fish para comunicar ao mundo o que Matosinhos tinha para oferecer: uma gastronomia ancorada nos produtos do mar, frescos, acessíveis e de qualidade. Dez anos depois, o World's Best Fish enquadra os principais eventos do calendário gastronómico do concelho e funciona como denominador comum entre os restauradores que aderiram aos seus critérios de qualidade.

A candidatura à UNESCO beneficiou desta experiência acumulada. O dossier de candidatura não foi construído de raiz — foi a formalização de uma ação continuada que a marca já praticava há uma década. O que a UNESCO reconheceu foi precisamente esse percurso sólido.



## O calendário gastronómico

O ano em Matosinhos tem a sua própria estrutura gastronómica. O Rally Fish abre o calendário em maio: dezenas de restaurantes servem pratos de peixe e marisco a preço acessível, com o objetivo de democratizar o acesso à gastronomia local. O Out of the Blue consolida-se como o festival que usa o Mercado Municipal como palco — o espaço onde se vende peixe de manhã acolhe, durante vários dias, conversas entre chefs, cientistas marinhos, produtores locais e investigadores sobre o futuro dos sistemas alimentares costeiros; nas últimas edições, atraiu mais de cinco mil participantes ao longo de quatro dias. A CIGA — Mostra de Cinema Gastronómico transforma o mesmo mercado num cinema-restaurante durante quatro dias, onde o público vê filmes sobre comida enquanto come os pratos que estão no ecrã. O Degustar Matosinhos fecha o ciclo principal no inverno, com menus de degustação de marisco a preço fixo.

A estes eventos juntam-se muitos outros, desde festas populares até à Festa do Chocolate ou ao Festival Gastronómico Vegetariano.

Para além dos eventos há iniciativas ao longo do ano que sustentam a narrativa: visitas à lota para turistas e escolas, provas de vinhos nos restaurantes aderentes, workshops de cozinha nos equipamentos culturais, a promoção da alimentação saudável nas escolas. O World's Best Fish dá coerência ao conjunto.

# Eixo atlântico do Noroeste Peninsular

## A identidade que atravessa a fronteira

O Eixo Atlântico existe porque uma identidade partilhada com a Galiza é anterior às fronteiras de Portugal e Espanha.

## O que é o Eixo Atlântico?

O Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular foi criado em 1992 por iniciativa dos municípios do Porto e de Vigo. Reúne cidades do Norte de Portugal e da Galiza que formam o sistema urbano da Euroregião Galiza–Norte de Portugal, com cooperação ativa com instituições europeias, latino-americanas e africanas.

As prioridades do Eixo respondem aos principais problemas que afetam a região transfronteiriça. Em 2026 o Eixo definiu uma reflexão e ação conjunta para temas como a habitação e a luta contra a pobreza e a exclusão social. A agenda do Eixo Atlântico revela o que esta organização é: uma plataforma de governação transfronteiriça sobre os problemas mais difíceis da agenda urbana contemporânea, feita por cidades que não esperam pela convergência dos Estados centrais.

## O substrato comum

A proximidade entre o português e o galego é o elemento mais antigo desta partilha. As duas línguas são, do ponto de vista linguístico, variantes da mesma língua medieval. Durante séculos, a fronteira entre Portugal e a Galiza foi uma convenção política sobre um território onde as pessoas falavam, pescavam, peregrinavam e comercializavam sem a reconhecer como separação real.

O Caminho de Santiago pela Costa atravessa Matosinhos há séculos — certificado pelo Conselho da Europa como rota jacobea, liga o Porto a Santiago de Compostela pelo litoral atlântico, passando por Leça da Palmeira e seguindo para norte. Os peregrinos passam por aqui como passavam antes de existirem fronteiras. A rota cresce de forma consistente em número de peregrinos, atraídos pela beleza do itinerário paisagístico e, também, pela nossa gastronomia e cultura.

## As pescarias partilhadas

As frotas de Matosinhos e de Vigo pescam nos mesmos bancos do Atlântico Norte. Partilham espécies, partilham mercados, partilham as mesmas preocupações sobre a sustentabilidade dos recursos. O relatório socioeconómico do Eixo de 2024 centrou-se precisamente na segurança alimentar na Euroregião — num território onde a pesca tem este peso histórico, económico e cultural, é um debate que as cidades do Eixo estão em posição de liderar.

A admissão de Matosinhos na rede UNESCO no domínio da gastronomia acrescenta ao Eixo um interlocutor com credibilidade formal nesta matéria. A cooperação com Bergen sobre gestão sustentável da pesca atlântica é relevante para Vigo tanto quanto para Matosinhos. O Eixo é o espaço onde este diálogo pode ter uma expressão regional alargada.



### A cooperação cultural

O Eixo Atlântico tem uma dimensão cultural ativa. A Bienal de Pintura do Eixo Atlântico reúne artistas dos dois lados da fronteira em exposições itinerantes pelas cidades membros. Os encontros e fóruns do Eixo juntam escritores, músicos e criadores das cidades da Euroregião. Esta programação existe em paralelo com a agenda política e económica — e sublinha que a cooperação entre Matosinhos e as cidades galegas e do Norte de Portugal tem raízes profundas.

Matosinhos participa nos projetos cofinanciados pelo programa INTERREG — o instrumento europeu de cooperação transfronteiriça que financia projetos concretos entre cidades portuguesas e galegas em áreas como o ambiente, a mobilidade, a cultura e a coesão social.

### A linha Porto-Vigo e o que representa

A linha de alta velocidade Porto-Vigo é um dos temas ativos na agenda do Eixo. Uma ligação desta natureza tornaria as duas cidades funcionalmente próximas pela primeira vez: quarenta minutos entre dois mercados de trabalho, dois sistemas universitários, dois ecossistemas culturais que hoje cooperam, mas que a distância ainda separa na prática quotidiana.

A discussão sobre a linha é também uma discussão sobre o modelo de desenvolvimento da Euroregião. O Eixo Atlântico posiciona-se como interlocutor ativo neste debate perante as instâncias nacionais e europeias — argumentando que a infraestrutura deve servir o sistema urbano da Euroregião. Este é um dos muitos exemplos do papel do Eixo Atlântico no pensamento e na ação sobre uma região que aposta no desenvolvimento sustentável.

### Matosinhos no Eixo

Para Matosinhos, o Eixo Atlântico é o quadro dentro do qual a identidade atlântica do território — a língua de origem, a costa partilhada, a atividade piscatória e agrícola, os peregrinos que passam — tem expressão política que se espelha na realidade.

A admissão na rede UNESCO no domínio da gastronomia reforçou o peso de Matosinhos neste quadro geográfico e cultural.

Os projetos INTERREG em que Matosinhos participa traduzem esta pertença em ações concretas: financiamento de projetos conjuntos com cidades galegas em ambiente, mobilidade, cultura e coesão social.

O Caminho de Santiago pela Costa, que atravessa o concelho, é simultaneamente uma rota espiritual e um argumento económico — um fluxo de visitantes que percorre o território transfronteiriço e que o Eixo enquadra como recurso partilhado.

# Frente Atlântica

## Quando três cidades trabalham como uma

Em 2013, Porto, Matosinhos e Vila Nova de Gaia formalizaram a Frente Atlântica. O território tem 700 000 pessoas — sete por cento da população portuguesa. Um dos primeiros resultados foi um festival de dança.

## A aliança e os seus argumentos

A Frente Atlântica nasceu de uma convicção: há coisas que só são possíveis quando três cidades trabalham como uma. Um festival de dança contemporânea de referência europeia exige infraestrutura de palcos distribuída por vários teatros, capacidade de coprodução com companhias internacionais e uma massa crítica de público que uma única cidade dificilmente assegura. O Festival DDD — Dias da Dança foi um dos primeiros argumentos para a aliança e é hoje o festival de dança contemporânea mais importante do Norte do país.

Cinquenta apresentações por edição. Estreias absolutas. Coproduções com companhias de Portugal, França, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul. E espetáculos no Constantino Nery, na Praça Guilherme Pinto, em Matosinhos, e na frente de mar — muitos de acesso livre, sem bilhete, são já parte do calendário da cidade. A décima edição, em 2026, é simultaneamente um balanço e uma abertura: o que se construiu em dez anos de coprodução entre três câmaras tornou possível uma presença que nenhuma das três teria sozinha nos circuitos internacionais da dança.

## A Porto Design Biennale

A Porto Design Biennale, organizada pela ESAD, com sede em Matosinhos, foi criada em 2019. Nas suas três primeiras edições acolheu mais de trezentos projetos — exposições, conferências, workshops, publicações — e mais de cinquenta mil visitantes. A terceira edição, em 2023, foi dedicada ao tema da Água. A Casa do Design, o Exploratório e os espaços da ESAD em Matosinhos foram espaços centrais das três edições.

O design saiu dos estúdios e entrou na cidade — nas salas de exposição, nas ruas, nos debates abertos ao público.

A Frente Atlântica amplificou um ecossistema que já existia.

## O Greater Porto e a escala metropolitana

O Greater Porto — a marca conjunta das três cidades para captação de investimento, com presença anual no MIPIM em Cannes — é a dimensão económica da mesma lógica. Quando Matosinhos, Porto e Gaia se apresentam como um território de sete por cento da população portuguesa, o interesse de parceiros internacionais muda de escala. O Festival DDD, a Porto Design Biennale, o Open House Porto — organizado pela Casa da Arquitetura de Matosinhos como parte do programa global Open House Worldwide — e o Greater Porto são alguns dos exemplos da força da união dos três municípios. E são expressões diferentes do mesmo princípio: em conjunto, as três cidades chegam a sítios a que nenhuma chegaria sozinha.



# A música no território

A photograph of a musician in a dark suit playing a trumpet on stage. The musician is in the foreground, looking upwards and to the right, with his mouth on the trumpet. The background is dark, with some stage lights and other musicians visible in the distance. The overall mood is focused and artistic.

A Orquestra Jazz de Matosinhos antecede a Frente Atlântica em catorze anos. É uma instituição do concelho — criada aqui, financiada pelo município, com programa educativo nas escolas do concelho. A cooperação metropolitana tornou-a mais visível. A instituição é de Matosinhos.

A Orquestra Jazz de Matosinhos foi fundada em 1999 com apoio da câmara municipal. Em 2007, tocou no JVC Jazz Festival no Carnegie Hall, em Nova Iorque — a primeira formação portuguesa de jazz a participar num festival norte-americano. Desde então, a OJM consolidou uma programação regular, participou em festivais nacionais e internacionais e construiu um percurso de referência no jazz português.

O Centro de Alto Rendimento Artístico (CARA), instalado no quarteirão da Real Vinícola, em Matosinhos, é o espaço de ensaio, gravação e investigação artística da OJM. Funciona também como estúdio aberto a projetos de outros músicos e como laboratório de novas práticas em educação musical, explorando o uso de tecnologia para alcançar excelência artística.

O programa “Grande Pesca Sonora” leva músicos da OJM às escolas do concelho durante meses. O trabalho com crianças e jovens — muitos dos quais sem qualquer contacto anterior com um instrumento — culmina num concerto com a big band. O programa existe há anos. Alguns dos jovens que participaram nas primeiras edições são hoje o público regular dos concertos da OJM.

O Quarteto de Cordas de Matosinhos partilha o mesmo território e, com frequência, o mesmo palco. Formado por músicos com formação em conservatórios europeus, o quarteto tem programação regular no concelho e participa em festivais nacionais e internacionais.

O Festival Maracujália, realizado anualmente na Casa da Arquitetura, junta música, arte, cinema, debates e moda. O programa usa o edifício e o espaço exterior como palco — a arquitetura a servir de cenário a um festival que mistura géneros e públicos. É um exemplo de como as instituições de Matosinhos se cruzam, numa dinâmica criativa em crescendo.

A dimensão literária do território existe a par da musical. O festival LeV — Literatura em Viagem reúne anualmente na Biblioteca Municipal Florbela Espanca escritores nacionais e internacionais para dias de debate, de concertos e de exposições. A Festa da Poesia é outros dos eventos culturais que marca a agenda de Matosinhos ano após ano.

Estes são alguns dos exemplos que compõem uma vida cultural de Matosinhos, que juntam os matosinhenses a muitos visitantes, que originam muitos encontros à mesa dos restaurantes que são a montra da nossa Gastronomia, também ela com um novo estatuto criativo.

# A conserva como design e como memória

## O peixe que ficou em lata

As fábricas de conservas de Matosinhos chegaram a ser cinquenta e nove. Hoje são onze, mas continuam a levar Matosinhos ao mundo.

Em 1884, a construção do porto de Leixões trouxe a Matosinhos pescadores do Norte do país e trabalhadores de muitos lugares. Com o crescimento da pesca surgiu a oportunidade de conservar o que o mar dava. Com a I Guerra Mundial, que fechou fronteiras e criou procura de alimentos não perecíveis, as fábricas de conservas multiplicaram-se em redor do porto. Chegaram a existir cinquenta e nove empresas. Eram as maiores empregadoras do concelho, com milhares de trabalhadores — a maioria mulheres.

O processo era preciso. O peixe chegava ao porto e era transportado para as fábricas. Era limpo, descabeçado, eviscerado. Era colocado em lata com azeite ou molho e submetido a esterilização por calor. O resultado era um produto com anos de vida útil que mantinha as propriedades nutricionais do pescado original. Matosinhos exportava conservas para toda a Europa e para os mercados das colónias portuguesas.

A lata de conserva de Matosinhos tornou-se, ao longo do século XX, um objeto com história própria — reconhecível pelo design, pela origem e pela qualidade do que contém.

As embalagens das conservas de Matosinhos tornaram-se, com o tempo, objetos de design. As ilustrações das latas — barcos, pescadores, sardinhas em tons de azul e vermelho — são hoje referências do design gráfico português do século XX. Marcas como a Ramirez — fundada em 1853, a mais antiga indústria de conservas de peixe do mundo ainda em laboração — e a Pinhais & Cia continuam a produzir em Matosinhos e exportam para mercados de todo o mundo, incluindo segmentos de alta qualidade onde a conserva é tratada como produto gourmet.

A indústria conserveira emprega hoje cerca de 600 pessoas em onze empresas. Dois terços são mulheres — uma continuidade da estrutura laboral que sempre existiu nas fábricas. A iniciativa municipal “Preservar os Laços Femininos” reconhece e celebra as mulheres entre os 45 e os 75 anos que trabalharam na pesca e nas conserveiras — um arquivo vivo de memória profissional e identidade coletiva. A conserva portuguesa, e especificamente a de Matosinhos, é hoje um produto exportável para além do valor alimentar — pela história, pelo design e pela origem.

# As Festas do Senhor de Matosinhos

## A festa onde tudo converge

Uma vez por ano, as várias linguagens criativas de Matosinhos aparecem no mesmo espaço e no mesmo tempo. As Festas do Senhor de Matosinhos são a festa maior da cidade — e o momento em que gastronomia, música, artesanato e literatura se cruzam.

O Senhor de Matosinhos é uma das devoções mais antigas e mais populares do Norte do país, com peregrinos que chegam de toda a região e de além-fronteira. A referência histórica mais antiga à imagem data de 1342, e a escultura em madeira é provavelmente a mais antiga representação de Cristo crucificado em tamanho natural existente em Portugal. A lenda da chegada da imagem pelo mar — atirada ao Mediterrâneo e chegada à praia do Espinheiro depois de atravessar os oceanos — é o mito fundador de Matosinhos: uma cidade que recebe o que o oceano traz e o transforma em identidade própria.

O que a festa é hoje é simultaneamente aquilo que sempre foi — devoção, procissão, romaria — e um momento de afirmação cultural comunitária. Concertos de bandas filarmónicas e de artistas nacionais e internacionais. Exposições de fotografia e de artesanato. Conferências e lançamentos de livros. Visitas guiadas ao património arquitetónico e religioso. A FAMA — Feira de Artesanato —, que acontece em simultâneo e reúne artesãos do concelho e de todo o país. A Confraria Gastronómica do Mar, guardiã das tradições culinárias locais, tem nestas festas um dos seus momentos mais visíveis — a preservação do receituário histórico da cidade é parte do que as festas celebram, a par da devoção.

Uma vez por ano, gastronomia, música, artesanato e literatura aparecem no mesmo espaço e no mesmo tempo.

As festas são também o momento em que a dimensão religiosa e a dimensão cultural de Matosinhos se cruzam de forma mais visível. A procissão que percorre as ruas é acompanhada por música, por flores e por milhares de pessoas. No dia seguinte, a cidade volta ao ritmo normal — mas o que ficou é a memória de um território que sabe estar junto.

E a gastronomia é o fio que une todas as dimensões da festa.

# Matosinhos

12 km

de costa atlântica



**Lota de Matosinhos**  
**12 empresas**  
**102 trabalhadores**  
**permanentes**



**Matosinhos**  
**território de 62,4 km<sup>2</sup>**  
**101 nacionalidades**  
**residentes**



**Porto de Leixões**  
ligação  
a mais de 180 países



# Ecosistema de investigação

## Da biologia marinha à economia azul

No segundo piso do Terminal de Cruzeiros do Porto de Leixões trabalham todos os dias investigadores do CIIMAR. A investigação marinha em Matosinhos acontece literalmente à beira do mar.

O CIIMAR — criado em 2000 e instalado no Terminal de Cruzeiros desde 2015 — tem mais de trezentos membros da Universidade do Porto, dedicados à investigação do oceano e das zonas costeiras. As linhas de trabalho incluem biotecnologia marinha, aquacultura e qualidade dos produtos alimentares, alterações globais e serviços dos ecossistemas.

A partir desta base, está a ser construído o Hub Azul de Leixões — uma infraestrutura de investigação e inovação para a economia azul, financiada pelo Plano de Recuperação e Resiliência com mais de doze milhões de euros, cuja primeira pedra foi lançada em abril de 2025. O consórcio inclui o CIIMAR, a Câmara Municipal de Matosinhos, o Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores, Tecnologia e Ciência (INESC TEC) e a Administração dos Portos do Douro, Leixões e Viana do Castelo (APDL). O coração do projeto é uma bacia oceânica capaz de simular ondas e correntes marítimas — uma das maiores da Europa para teste de tecnologia oceânica — complementada por um poço de mergulho científico com trinta metros de profundidade.

O Parque de Ciência e Tecnologia da Universidade do Porto na área da economia azul e circular (UPTEC-MAR), instalado no polo norte do Terminal de Cruzeiros, gerou já mais de noventa postos de trabalho e vinte empresas. Uma delas é a Inclita Seaweed Solutions — nascida de investigação do CIIMAR, trabalha com algas marinhas para aplicações em biotecnologia e cosmética. O Laboratório Colaborativo para a Economia Azul (CoLAB B2E) desenvolve o projeto Fish Matters, que procura dar valor acrescentado aos coprodutos da pesca — os restos que hoje vão para produtos de baixo valor e que a investigação quer transformar em ingredientes de alto valor nutricional ou industrial.

O Centro de Engenharia e Desenvolvimento de Produto (CEiiA), com mais de quatrocentos colaboradores, coordena em Matosinhos o programa +Atlantic, que promove produtos e serviços da economia azul na região atlântica. Matosinhos tem hoje mais de setenta startups ligadas à economia azul e às ciências do mar. O que o CIIMAR investiga, o UPTEC-MAR incuba e o CEiiA participa.

# Quatro linguagens, três redes, uma cidade

Este número da revista começou com quatro linguagens: gastronomia, arquitetura, música, dança. Percorreu três redes: a UNESCO, que reconheceu a cadeia criativa gastronómica; o Eixo Atlântico, que enquadra politicamente uma identidade transfronteiriça mais antiga do que qualquer fronteira; a Frente Atlântica, que tornou possível a colaboração ativa de Matosinhos, do Porto e de Vila Nova de Gaia.

As linguagens são locais. As redes amplificam-nas. Ganha o presente e o futuro de todos os matosinhenses.

O impacto destas redes tem expressão concreta na vida dos matosinhenses. Alguns exemplos deixam claro esse impacto: a criança que faz o programa da OJM nas escolas e toca com a big band no final do ano; o residente que assiste a dança contemporânea de acesso livre na Praça Guilherme Pinto; o estudante de design da ESAD que expõe numa bienal com cinquenta mil visitantes; o pescador cujo ofício foi reconhecido por uma rede de quatrocentas e oito cidades; o investigador do CIIMAR cujo trabalho sobre espécies marinhas contribui para a inovação e sustentabilidade.

Milhares de empresas, de trabalhadores, de famílias fazem parte deste espaço alargado que coloca Matosinhos no mundo e que traz o mundo a Matosinhos. Porque num mundo em mudança, a cooperação entre cidades é uma defesa perante a incerteza, é um fator de crescimento e de desenvolvimento sustentável.



# Fichas das Redes e Ecossistema local

## Redes protagonistas deste número

**UNESCO**  
Organização das Nações Unidas  
para a Educação, a Ciência e a Cultura

Rede das Cidades Criativas: Criada em 2004. 408 cidades em mais de 100 países; 68 no domínio da gastronomia. Matosinhos admissão em outubro de 2025.

[unesco.org/en/creative-cities](https://unesco.org/en/creative-cities)

## Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular

Fundado em 1992, por iniciativa dos municípios do Porto e de Vigo. É a Associação transfronteiriça de cidades do Norte de Portugal e da Galiza — instrumento político da Euroregião Galiza–Norte de Portugal. Matosinhos participa em grupos de trabalho e projetos INTERREG.

[eixoatlantico.com/pt](https://eixoatlantico.com/pt)

## Frente Atlântica (Porto, Matosinhos, Vila Nova de Gaia)

Fundada em 2013. Território: 700 000 pessoas, 7% da população portuguesa. Aliança intermunicipal em cultura, mobilidade, turismo e captação de investimento. Matosinhos é município fundador. Greater Porto - Marca conjunta das três cidades para investimento internacional.

[greaterporto.pt](https://greaterporto.pt)

# Matosinhos em Rede

## Sobre esta série

Matosinhos em Rede é uma coleção de revistas temáticas dedicada às redes, parcerias e projetos através dos quais o Município de Matosinhos se relaciona com outras cidades, instituições e territórios.

Cada número parte de um tema central — como a criatividade, o ambiente, a educação, a inclusão ou a cooperação internacional — para mostrar de que forma essas ligações reforçam políticas públicas, valorizam o concelho e produzem efeitos concretos na vida local.

Mais do que enumerar siglas ou acordos institucionais, esta série procura explicar, de forma clara, o que essas redes são, o que trazem a Matosinhos e porque é que elas contam para quem aqui vive.

Porque, hoje, uma cidade afirma-se não apenas pelo que é, mas também pela forma como coopera, aprende e constrói futuro com os outros.

Publicação trimestral da Câmara Municipal de Matosinhos  
Nº1 — Identidade, Cultura e Criatividade | Abril de 2026

[cm-matosinhos.pt](http://cm-matosinhos.pt)



